

Quem lê um conto... Abre uma janela para a história. Utilização de contos nas aulas de história.

SILVA, Eva Rodrigues da¹ e CUNHA, Getúlio Nascentes da².

Campus de Catalão - GO/Curso de História

End. Eletrônico: getulioncunha@bol.com.br

Palavras-chave: Ensino de História; contos; literatura; interdisciplinaridade.

RESUMO EXPANDIDO

Uma das preocupações que se faz presente na área da educação é a falta de leitura por parte dos alunos. Pensando numa proposta que viesse contribuir para a solução dessa problemática, propomos o estudo da utilização de contos nas aulas de História como uma possibilidade de incentivar os alunos a se interessarem pelo texto escrito vendo nele um objeto prazeroso.

Ao se buscar estudar uma alternativa, no que se refere principalmente ao ensino de História, viu-se na interdisciplinaridade uma opção condizente com esta proposta. Por isso, a Literatura foi à área do conhecimento escolhida para estar dialogando com a História. Escolhendo dentro do gênero literário, os contos. Cabe, porém, ressaltar que o conto também pode ser trabalhado em outras áreas e não tão somente a História. Essa possibilidade de uso do conto por várias disciplinas simultaneamente, é extremamente importante, não só por permitir ao aluno a percepção das múltiplas interpretações possíveis de um mesmo texto, mas também, como parte do incentivo à leitura, quebrando a impressão que muitas vezes se alimenta de que em apenas algumas áreas do conhecimento a leitura é importante.

No que concerne ao ensino de História, todas as tentativas são válidas no sentido de uma maior aproximação do aluno ao universo da leitura escrita. Esta se difere dos outros tipos de leituras, que chegam através de imagens de maneira rápida e tem se tornado cada vez mais presentes na vida dos alunos. E deve se destacar das demais, pela sua importância no âmbito do conhecimento.

O acesso a diversas atividades e utilização de fontes de pesquisa que estão relacionadas à aprendizagem do aluno, vem se tornando cada vez mais amplas. Isso graças à dimensão de novos recursos, que passam a ser privilegiado por pessoas interessadas no assunto, que vêem nisso uma melhor forma de incentivar seus alunos.

Diante do acesso a esses novos recursos que os professores podem valer-se, os quais permitem ao aluno novas possibilidades de aprendizagem, esta pesquisa ao utilizar contos nas aulas de história visa: despertar o gosto e interesse do aluno pela leitura; compreender a relação entre as diferentes áreas do conhecimento; instigar a percepção da leitura como um processo de ampliação do conhecimento; desenvolver a opinião crítica do aluno em relação ao texto lido; e, não mesmo importante, procurar trazer a história para mais perto da realidade dos alunos.

Acredita-se ser o conto possa ser um instrumento de contribuição nessa perspectiva de trabalho, em que o aluno ao ter acesso a ele, possa não apenas ler o texto, mas observar o tipo de linguagem histórica presente e vivenciar mais diretamente o contexto histórico, e a partir daí criar suas próprias reflexões. Por conseguinte, esta pesquisa conta com o embasamento teórico dos pensadores da denominada Nova História Cultural, na perspectiva da interdisciplinaridade.

¹ Bolsista de PROLICEN, aluna do curso de História do CAC/UFG

² Orientador, professor do curso de História do CAC/UFG

Cabe salientar, que a interdisciplinaridade é uma proposta do movimento dos Annales, que desde meados 1929, concebiam um novo tipo de pensar ou relacionar a História com as demais áreas do conhecimento, trazendo as outras ciências para dentro da produção do conhecimento histórico. Mesmo que essas áreas como se pensava, não tivessem nada a ver com a história, eles compreendiam que elas poderiam de alguma forma dar suas contribuições. Pois, cada uma delas, de forma direta ou indireta está relacionada com os homens na sua vivência e prática em sociedade.

Graças a isso, se ampliou a partir de então, a noção de documento, sua importância no ensino e pesquisa em História e criou novas perspectivas e maiores possibilidades do trânsito, tanto da história em outras áreas do conhecimento, como as outras áreas dentro da história. A partir dessa concepção se passou a perceber que não há uma área do conhecimento alheia à outra, como não se pode desvincular o ensino da pesquisa, compreendendo pesquisa em sala de aula como produção pelos próprios agentes do seu conhecimento.

Essa aproximação das áreas da literatura e da história, a partir da Nova História Cultural, cada dia tem buscado dilatar fronteiras existentes nas áreas do conhecimento que se encontra relacionada à história, com novas propostas de estudos. Pois, ela vem observando de maneira ampla como abordar as várias dimensões humanas.

Diante dessa perspectiva, esta pesquisa busca compreender que entre os vários tipos de leituras que se apresentam aos alunos, os quais se tornam acessíveis cada vez mais a eles, a leitura do texto escrito constitui algo importante, é através da leitura de um texto que se possibilita um estudo prazeroso. Desde que essa leitura venha o atraí-lo. Nota-se no conto uma possibilidade nesse sentido e que poderá envolver vários professores de outras áreas na busca de desenvolver essa prática naqueles alunos que não têm o hábito de leitura.

Por se tratar de um outro tipo de abordagem, a Literatura ao ser relacionada à História, num primeiro momento durante sua prática em sala de aula, fez-se necessário: buscar conhecer sobre a relação da história com a literatura; disponibilidade de tempo para preparar as aulas; adequar o conto ao conteúdo dos professores; pesquisa e análise do tema a ser desenvolvido; material disponível para trabalhar com os alunos e preparação para responder questões feitas em sala de aula, principalmente sobre a utilidade de sua praticidade no ensino de História.

Como se pode observar durante as aulas na primeira fase da pesquisa, uma das preocupações dos alunos ao desenvolver e estar envolvido nessa prática pedagógica é do que essas áreas, a Literatura e a História possuem em comum. “O que tem haver a História com a Literatura?” Foi uma pergunta constante durante as aulas.

Fez-se, portanto, necessária a procura de uma melhor compreensão do que é um texto literário e um texto histórico. Por se tratar de narrativas, é sabido que o contexto da época influencia suas produções. Nesse sentido, o texto literário e o texto histórico nascem dentro de um contexto e contam com a subjetividade de cada um dos seus escritores, eles possuem vários elementos imbricados.

Quanto ao problema enfrentado nessa praticidade em sala de aula, não foi a falta de leitura por parte do aluno do conto que foi proposto em cada série. Mas a forma com que eles responderam de maneira escrita as perguntas que foram feitas em forma de ensino dirigido. Pegando partes do conto e copiando. Contudo, os alunos foram capazes de relacionar os contos com a atualidade e expor de forma oral para os demais colegas da sala o que eles conseguiram entender do texto.

Tentando perceber essas questões, esta proposta de pesquisa do ensino em História deve se ater: primeiro a como é lidar com a relação entre a Literatura e a História? E segundo, Como se trata de um trabalho interdisciplinar, buscar perceber que o desenvolvimento de numa proposta de aprendizagem se requer uma série de cuidados específicos. Um desses cuidados foi procurar perceber a distinção que se busca fazer entre ficção e uma suposta “verdade histórica” que se apregoou durante muito tempo na área da História. Isso hoje tem se tornado motivo de debate nas academias.

O conto, assim como a história, são produções humanas, porém, cada um possui características que lhe são peculiares. Nele podemos encontrar aspectos relacionados à vida cotidiana do contista que estão relacionados à vida, casamento, morte, trabalho, política, enfim, tudo que está relacionado a um ser social. Isso passa a interferir na sua forma de escrever de acordo com a sua concepção de mundo, da sociedade, daquilo que ele presencia, lhe incomoda ou dá prazer em falar sobre determinado assunto.

A produção literária, no caso o conto, tem como especificidade permitir ao contista lidar com vários tipos de recursos, ele pode utilizar e recorrer a diversas figuras e tipos de linguagens e ampliada imaginação. Dessa forma, o conto é uma narrativa curta que tem como particularidade prender o leitor e envolvê-lo na sua trama, passando a ele uma sensação de estar de fato vivendo o que ali está escrito. Daí se viu a importância em utilizá-lo nessa proposta, e que continuará a nos ajudar no decorrer desta pesquisa como mais uma forma de incentivo e prazer de leitura.

A proposta desta pesquisa desde o início era de trabalhar com contos brasileiros e estrangeiros. Numa primeira fase foram trabalhados os contos brasileiros, os quais se encontram na obra: **“Os cem melhores contos brasileiros”** sob a organização de Ítalo Moriconi (2000), **“15 cenas de descobrimento de Brasis”** do autor Fernando Bonassi, **“O homem que sabia javanês”** de Lima Barreto e **“A maior ponte do mundo”** de Domingos Pellegrini. Sendo possível perceber respostas bastante favoráveis dos alunos que fizeram a leitura do mesmo, levantaram aspectos históricos que se encontravam presentes nos contos fazendo reflexões e inferências com os dias atuais. No primeiro conto referido, trabalhado na 6ª série, eles se ativeram aos aspectos culturais como os costumes, crenças o índio perdeu com a chegada dos portugueses. E que o descaso com o indígena está presente na sociedade nos dias atuais, na atitude do “moço que colocou fogo no Patachó na praça”.

No segundo conto, desenvolvido na 7ª série eles perceberam de maneira clara o poder da língua como um instrumento utilizado pelos políticos que através do “papo dão golpes milionários” e que no momento do conto Castelo estava descontente com o país que ele o chama de imbecil e burocrático. E o terceiro conto trabalhado na 8ª série eles fizeram discussões das condições de trabalho vivido pelos operários nos dias atuais e que muitos se compara com as condições daqueles que estiveram dando sua própria vida para criar aquele “orgulho nacional”.

Nessa segunda fase se buscará desenvolver contos estrangeiros. O primeiro conto escolhido foi “A festa de casamento” do autor F. Scott Fitzgerald, que é segundo Ruy Castro (2004, p. 7-11), um escritor “moderno” de 1920, que ultimamente é chamado de narrador da “era do jazz”. Nascido em 14 de setembro de 1896, foi um homem imerso na vida social do seu tempo, num período marcado de “quebradeira” com a queda da Bolsa de Nova York e da primeira Guerra. Talvez por isso o autor muitas vezes nos seus trabalhos se confunde com o próprio seus próprios personagens. Publicou “160 contos em revistas de grande e pequena circulação” e que foram depois editados em livros. Casado com Zelda que tinha problemas mentais, Scott passou a dedicar a sua filha Scottie. Morreu aos 44 anos de idade de infarto.

E o segundo “O refúgio”, da autora Anna Seghers, seu nome é Netty Reiling, nascida em 19 de novembro de 1900 em Mainz ou Mogúncia, morreu em 1º de junho de 1983 em Berlin Oriental, na Alemanha. Escritora alemã e comunista militante desde os anos 20, segundo Backes, Anna Seghers caracterizou o “realismo socialista”. Suas principais produções são: “A sétima cruz”, “A revolta dos pescadores de Santa Bárbara” “Os mortos permanecem jovens”, “O passeio das meninas mortas”, “A decisão”. A autora viveu exilada no México entre 1941 e 1947. “O Refúgio” “corresponde bem a tradição mais dura do realismo socialista carregadamente moral e limitadamente edificante”. (BACKES, 2004, p.389-390).

“A festa de casamento” de F. Scott Fitzgerald, é uma narrativa na qual o autor versa de forma sutil um acontecimento social, o casamento, para explicitar um fato histórico que envolvia a sociedade do período, a queda da bolsa de Nova Iorque. Ele utiliza uma história de amor como pano de fundo, e através do diálogo entre personagens como Michael,

Caroline e Hamilton representam facetas de um momento histórico que os envolvia leva o leitor a se envolver e perceber tipos de relações pautadas na valorização material a qual a sociedade estava inserida. Assim, Ao que concerne a Literatura no trabalho de contextualização histórico-temporal o conto representa os valores e o comportamento de uma classe alta americana.

Um bilhete anunciando o casamento de Caroline deixa Michael perplexo, que recusara aceitar esse fato, pois ele havia namorado ela e ainda ao que parece lhe amava. Ao se encontrar com ela para conversar Michael deixa transparecer para ela seu amor e pergunta: o que eu quero saber é: o que acontece com pessoas como eu, que não conseguem esquecer? Ela consciente de seu sentimento diz tê-lo superado Michel.

A conversa entre os dois continua, e numa das explicações de Caroline do porque ter tomado essa decisão, ela diz ser por motivos óbvios, a de compatibilidade entre ela e Hamilton, ela “avoadá” e Hamilton preparado para tomar decisões. Para Michel era uma questão de interesse por parte dela, tendo em vista Hamilton ser um investidor da bolsa. Michel não tinha as mesmas condições que Hamilton, mas ele recebe uma herança e adquire posses, ao passo que Hamilton antes de se casar perde tudo que tinha investido.

Michel quer conversar com Hamilton e marca com ele um encontro para saber dos seus interesses por Caroline. Há na conversa dos dois um tom de ironia na concepção de Hamilton sobre quem são as mulheres. “Sensível? As mulheres não tem nada de sensíveis. Sujeitos como você é que são sensíveis, e são que elas exploram, por toda essa devoção e gentileza de vocês”.

Assim, durante a leitura do conto se percebe que o autor busca prender a atenção do leitor ao escrever de maneira explícita e implícita não só as condições econômicas do momento, mas também os valores comportamentais vivenciados naquela sociedade, como no caso do que para Hamilton significava o casamento, “vi o que aconteceu à maioria dos meus amigos (...) e decidi que não iria acontecer comigo. Não é difícil; se você escolher uma moça de bom senso, der-lhe as coordenadas, ficar atento e for direito com ela, então este casamento será de verdade. Mas se você vacilar no começo, já sabe – em cinco anos o homem cai fora ou a mulher o engole. Hamilton confirma ser um homem “moderno”.

Nas entrelinhas desse conto, há tipos de representações sociais e significados que podem ser percebidos pelo leitor. O casamento pode representar uma faceta da relação entre casais como no caso acima referido, mas ele também permite ao leitor pensar esse “casamento” com o tipo de relação econômica entre os países, e das próprias pessoas que foram “engolidas” pelos altos investimentos que fizeram, o qual marcou um momento histórico no mundo que ficou conhecido como a queda da “Bolsa de Nova Iorque”.

O segundo conto de Anna Seghers “O refúgio”, a autora descreve com perspicácia o momento da Segunda Guerra Mundial, enfatizando as condições sociais e os campos de concentração nazista. Retratando as minúcias de um período datado de 1940, no mês de setembro. O conto escrito oferece símbolos, representações, verossimilhanças, sentimentos e aspectos narrativos que permite ao leitor fazer inferências as concomitâncias dos momentos históricos vivenciados pela sociedade.

No simbólico “a maior cruz gamada” representava que por ali se encontravam ou tinham passado alemães.

Sentimentos como de Annette e Luise que acolhem um menino de dose anos, que tivera seu pai levado pela “gestapo”. A contista se detém aos detalhes de forma minuciosa e descreve cada passo dado pelos seus personagens. O lavar copos por Annette e a ajuda da amiga Luise em dar abrigo ao garoto alemão. Na conversa entre as amigas sobre a ação da gestapo que vivia a procura de refugiados, que segundo Annete, eles teriam seu caminho certo “provavelmente levado para o paredão”.

Observa-se no conto a mudança de pensamento do marido de Luise em relação a quem dava abrigo aos fugitivos alemães. Sua atitude a isso mudou a partir do momento que ele começa perceber as perseguições e dificuldade e impotência das pessoas diante da fortaleza daquele “demônio”. Segundo ele ao conversar com a esposa diz: “como esse demônio é forte! (...), nós somos impotentes. Mal abrimos a boca e eles acabam conosco”.

Há um sentimento de revolta, por parte do Meunier, esposo de Luise, contra as atitudes dos nazistas.

Anna Seghers utilizando desde o título, mostra um recurso de linguagem literária de forma clara e objetiva. Apresenta as vicissitudes daqueles que viviam sob os olhos dos alemães. Ela descreve a trajetória daquelas pessoas perseguidas pelos nazistas da Alemanha, que se encontravam em Paris. Com a peculiaridade da narrativa, o conto deixa o leitor sob suspense de quem de fato é a personagem Annette. Ela termina o conto com a seguinte frase: “Eu ouvi essa história ser contada em meu hotel, no XIV Arrondissement, por aquela Annette, que ali trabalhava por não mais se sentir segura no antigo emprego”. Isso permite ao leitor fazer indagações ao texto, pensar na possibilidade de Annette ser uma pessoa que também era fugitiva alemã. Para ela o hotel se tornaria um lugar que lhe dava mais segurança, seria seu verdadeiro “Refúgio”.

Os contos escolhidos e analisados apresentam fatos históricos que se encaixam nesta proposta de pesquisa. Por conseguinte, é importante observar que nesta pesquisa se busca compreender que tanto a Literatura, quanto a História são possibilidades de leituras, ambas permite que seus leitores façam suas interpretações, críticas e se sintam cada vez mais instigados a fazer isso na prática diária da leitura.

BIBLIOGRAFIA:

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Difel, 1990.

FITZGERALD, F. Scott. A festa de casamento. In: **24 contos de F. Scott Fitzgerald**. Seleção tradução e prefácio de Rui Castro_ são Paulo: Cia das Letras, 2004. p.282

GOTLIB, Nádía Batella. **Teoria do conto**. 5ª ed... São Paulo: Ática, 1990.

HUNT, Lynn. Literatura crítica e imaginação histórica: in: **A Nova História Cultural**. O desafio literário de Hayden White e Dominick LaCapra, Lloyd Kramer. Tradução: Jefferson Luiz Camargo.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 2001

MORICONI, Ítalo. (Org.) in: **Os cem melhores contos brasileiros do século**. ed. Objetiva Ltda, 2000.

SEGHES, Anna. O Refúgio. In: **Escombros e Caprichos: O melhor do conto Alemão no século 20**. org. de Rolf G. Renner e Marcelo Backes. Porto Alegre, RS: LPM, 2004. p.297